

INTRODUÇÃO

JOSÉ ORNELAS

O objetivo fundamental do Volume 8, Issue 1, de *Portuguese Cultural Studies* dedicado a Teolinda Gersão é estudar e investigar a obra de uma escritora do período pós-revolucionário português que na minha opinião é uma das figuras mais destacadas e inovadoras da literatura de Portugal do fim do século passado e princípio do XXI. Gersão estreou-se como escritora com um romance, *O silêncio*, em 1981, e publicou o último, *O regresso de Júlia Mann a Paraty, em 2021*. Entre o primeiro romance e o último, ela publicou outros seis romances, dois cadernos ou diários, duas novelas, uma obra de literatura infantil, e sete livros de contos, um dos quais, *Os teclados e três histórias com anjos*, inclui uma novela, *Os teclados*, já publicada anteriormente, em 1999. Muitas destas obras vão ser analisadas e dissecadas em vários dos ensaios dedicado à escritora neste volume, mas desafortunadamente não todas.

Um notável atributo da escrita de Teolinda Gersão, a qual foca a memória, a identidade, a história, a cultura e a ideologia do seu país e outros temas relacionados com estes, é o facto de muitas das sua obras terem sido galardoadas com vários prémios literários prestigiados, incluindo o seu primeiro romance, *O silêncio* com o Prémio de Ficção do Pen Club, honra também outorgada a *O cavalo de sol* (1985). Em 1995, o romance *A casa da cabeça de cavalo*, recebeu o prémio considerado o mais importante a nível nacional na categoria de ficção, cuja designação é o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Duas obras da escritora foram galardoadas com o prémio Fernando Namora, *Os teclados* (1999) e *Passagens* (2015) e duas com o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco, *Histórias de ver e andar* (2003) e *Prantos, amores e outros desvarios* (2016) e o romance *A cidade de Ulisses* com dois, Prémio Ciranda (2012) e Prémio António Quadros (2013). Dois prémios foram atribuídos também ao livro de contos, *A mulher que prendeu a chuva*, o Prémio Máxima de Literatura e o Prémio de Literatura da Fundação Inês de Castro (2008). Finalmente, a escritora recebeu em 2017 o prémio Vergílio Ferreira pelo conjunto da sua obra, o Marquis Lifetime Achievement Award (2018) e O Grande Prémio de Literatura DST pelo seu último romance, *O regresso de Júlia Mann a Paraty*. De realçar não só a atribuição de inúmeros prémios literários à obra de Gersão, uma validação e reconhecimento da qualidade de uma escrita que tem enriquecido o nosso património cultural português por mais de 40 anos, mas também o facto de a sua obra já ter um alcance universal, visto que vários dos seus livros já estão traduzidos em mais de vinte idiomas.

Na contracapa da obra, *O regresso de Júlia Mann a Paraty*, Agripina Carriço Vieira observa que “Teolinda Gersão já habituou os seus leitores a uma notável mestria de escrita, particularmente na construção de textos que fazem da brevidade e da concisão uma arte de contar. É nessas narrativas, marcadas por subentendidos e não ditos que sugerem mais do que desvendam, que as qualidades de exímia artesã da palavra se revelam.” Geralmente, os seus livros aparentam uma simplicidade ilusória de leitura fácil, mas a realidade é que todos eles são de uma grande complexidade discursiva aliada a uma grande riqueza de imagens e metáforas que brindam

qualidade à forma e à mensagem da obra. De certo modo, a escrita extremamente poética e concisa da escritora dificulta e engrandece a sua leitura e, ao mesmo tempo, destaca o exímio processo criador da sua escrita. Além de os seus livros serem um hino laudatório à escrita, eles também acentuam o poder transformador da literatura na vida humana e a força que ela possui para levantar do chão os deserdados da terra e do tempo porque todos os seus textos são uma chamada de atenção ou apelo a uma transformação radical da sociedade e da humanidade através da resistência, dissidência, revolta, subversão, inconformismo e a não resignação. A escritora tem um grande compromisso ético e moral e um profundo sentido de responsabilidade, demonstrados continuamente através de todas as suas obras, com os problemas e males que defraudam diariamente os desprotegidos e desvalidos do mundo. Por conseguinte, Gersão têm-se debruçado sobre uma descomunal série de temas basilares que impactam negativamente a humanidade na sua obra. Alguns já foram abordados acima, mas há muitos outros, alguns dos quais serão também explorados pelos críticos, alguns deles escritores de ficção, que contribuíram ensaios para este número especial sobre a obra literária de Teolinda Gersão.

Nos seus livros, a escritora continuamente trata de explodir o tecido conformista, patriarcal, eterno e absoluto que fundamenta a continuidade histórica e cultural, ou seja, a normatividade e a tradição, ao atacar e criticar a discriminação racial e de género, corrigir os erros da história e preencher as múltiplas lacunas do discurso histórico oficial, dado que este sempre elipsa a história da subalternidade, dar voz aos silenciados, combater a banalização do mal, atacar, desmascarar e desconstruir sistemas de opressão e de repressão, tais como o fascismo, o colonialismo, o patriarcado, o imperialismo e o capitalismo com todos os seus símbolos, imagens, mitos, monumentos, cerimónias, exposições e rituais associados à construção da mitologia do opressor e do poder. No processo, ela constrói uma nova e alternativa visão do mundo alicerçada na justiça, ética, equidade, liberdade, inclusão, diversidade, comunicação e igualdade. Embora a obra da escritora se relacione com a sua postura ideológica vis-à-vis a transformação de um mundo onde a contínua exploração do homem pelo homem é ainda um facto real e reconheça que a sua obra não existe separada desse mundo, Gersão está bem consciente que ela, como literatura, tem de seguir as normas, regras e convenções literárias. Portanto, as suas intervenções na construção do mundo das suas obras fundamentam-se em convenções literárias e no imaginário da escritora. Elas nunca são panfletárias ou servem de apostolado a qualquer ideologia ou sistema. Como afirmou em uma entrevista ao *Jornal de Negócios* a 25 de Junho de 2021, “é inerente ao papel do escritor o dever de ser livre, porque a arte não é um adorno, nem um mero passatempo. Também não deve ser propaganda de uma ideologia ou de um partido – a arte é livre. Mas injustiças são injustiças, e os livros não podem ser um escape da realidade, devem fazer-nos pensar e refletir.” E também devem desassossegar e incomodar os seus leitores.

Os ensaios incluídos neste número de *Portuguese Cultural Studies* analisam a temática, a ideologia e a visão do mundo e o comportamento das personagens de diversas obras e examinam também a escrita da autora e as suas intenções e o modo como ela os incomoda e os obriga a pensar e a tomar uma posição crítica em relação à sua obra. Começando com o ensaio de Annabela Rita que aborda a cartografia de Gersão que a conduz a uma análise de grande parte da obra da autora para relevar coincidências, repetições e afinidades entre todos os seus textos

numa espécie de jogo interdiscursivo de espelhos, o qual se estende para além dos textos de Gersão, dado que os textos também dialogam com a cultura e a literatura europeia, em geral. Neste sentido, o artigo apresenta os principais aspetos desenvolvidos pela escritora no processo da sua singular criação literária. Rita opina que a narrativa da escritora é multifacetada, ou seja, segue um caminho tradicional, mas também envereda pelo sobrenatural, lúdico, fantástico e mágico, características que enriquecem e dissolvem as fronteiras narrativas da sua escrita.

Hörster e Silva afirmam no seu artigo que *A cidade de Ulisses* de Gersão é um hino emocional e reverente a Lisboa, uma cidade miticamente construída por Ulisses. A cidade é também o espaço de uma paixão ardente e intensa entre os dois protagonistas da narrativa, a qual eventualmente teve um desenlace negativo, dado que Cecília abandona Paulo Vaz, o companheiro, na sequência de um acto violento que causa uma queda dela e a morte do filho de ambos que ela trazia no ventre. Consequentemente, ela decide partir de Lisboa. As duas autoras analisam no seu artigo as múltiplas relações, coincidências, afinidades e convergências entre as personagens e a narrativa da *Odisseia* da autoria de Homero. A inversão do papel tradicional de Cecília/Penélope, ou seja, o da espera, é uma forma de afirmação da mulher como sujeito da construção do seu eu e não como objeto de Paulo/Ulisses.

Miguel Real, em “Maturidade absoluta”, refere-se a três pessoas importantes no panorama cultural e da psicologia, Freud e Thomas Mann e a mãe do escritor, Júlia Mann, também ela escritora, os três protagonistas da obra. Real demonstra através da sua análise do romance a coerência e a perspicácia social, histórica e cultural que Gersão possui do período associado com os dois escritores, princípio do século XX até à segunda guerra mundial com suas crises, guerras e o advento do nazismo. Real debruça-se sobre as relações problemáticas entre Mann e Freud, e o ódio e o afecto que os dois sentiam um pelo outro no contexto de sistemas autocráticos repressivos. O último capítulo que tem como protagonista Júlia Mann foca sobretudo a alienação e a inadaptação total dela em relação à Alemanha.

O artigo de Ana Luísa Vilela, “Teolinda Gersão e o mistério das personagens anónimas”, é simultaneamente uma interrogação e uma explicação da razão do anonimato de tantos personagens na obra da escritora. Dada a importância do sentido semântico que o nome significa na ficção por ser um rótulo de identificação e também de significação, a prevalência do anonimato, especialmente nos contos de Gersão, converte-se em matéria de análise em duas obras de Gersão, *Histórias de Ver e Andar* (2002) e *Prantos, Amores e Outros Desvários* (2016). Vilela começa a sua investigação referindo-se a vários críticos que indagaram sobre o significado do nome próprio e a sua importância na ficção e indicando algumas razões pela quais o anonimato também às vezes se manifesta em certas obras por questões específicas relacionadas com certos aspetos da narrativa. Finalmente, Vilela centra-se em uma análise incisiva e detalhada dos múltiplos sujeitos anónimos presentes nos dois volumes de contos de Gersão que ela denomina de *anonimato generalizado*.

Teolinda Gersão é um(a) dos muitos escritores portugueses em que a problemática violenta e racista da colonização é o pano de fundo de suas obras literárias. No caso de Gersão, um dos seus romances sobre este tema é objeto de uma reflexão provocativa e perturbadora de Irina Ene-Mitrovic, em “The experience of race in Teolinda Gersão’s *A árvore das palavras*,” a qual se congrega sobre as múltiplas feridas do colonialismo. A focalização de Ene-Mitrovic

incide sobre o espaço sociocultural em que as pessoas se movimentam, neste caso Maputo, Moçambique, na década de 60. Ela examina os contextos ideológico, social e cultural do romance com o propósito de estabelecer e desofuscar as diversas estratégias retóricas que se fundamentam em conceitos de superioridade de uma raça (a branca) e de inferioridade de outra (a negra), circunstância que sempre envolve actos de violência relacionados com a classificação, a diferença, a exclusão e a civilização. Estas, por seu turno, determinam quem são os donos do poder e quem é excluído dele.

Como outros colaboradores deste número dedicado a Teolinda Gersão, também Ronaldo Gagiano sobreleva no seu ensaio um romance da escritora, *O cavalo de sol*. O ensaio acentua um ambiente rural arcaico e patriarcal do início do século XX repleto de dramas, silêncios, desenganos, tensões, no qual a misoginia e a falta de poder da mulher são características enraizadas há séculos ou até milénios. Nas relações homem/mulher, a mulher é sempre a presa e o homem o predador. Vitória, a protagonista, vive na Casa da Cabeça de Cavalo, desde criança quando se mudou para lá depois da morte dos pais. Nesse tempo, ela tinha sido prometida em casamento ao primo Jerónimo. Constantemente manipulada por ele, ela praticamente transforma-se em seu brinquedo porque ele exerce sobre ela um poder soberano e narcísico. No entanto, Vitória, mesmo ferida na sua autonomia e identidade como mulher, caracteriza-se por uma atitude de transgressão a qualquer tipo de autoridade e consegue libertar-se das amarras impostas sobre o seu corpo prisioneiro, vítima do esquadramento dos espaços por meio de uma vigilância constante sobre ela, por parte de Jerónimo, seu primo.

O ensaio de Décio Torres Cruz pode ser lido como um artigo sobre quatro obras da autoria de Teolinda Gersão publicadas no Brasil ou então como quatro longas resenhas de três romances e uma coletânea dos melhores contos da escritora, *Alice e outras mulheres*, visto que a análise de cada uma das obras é sequencial e não comparativa. Quanto aos três romances, Torres Cruz debruça-se sobre os temas e tópicos mais salientes de cada um deles. Em *A árvore das palavras*, ele enfatiza o racismo e as lutas constantes entre brancos e negros, cada raça criando seus espaços em Maputo, Moçambique que condizem com o seu grupo. Nestas construções de espaços é bem evidente a superioridade da raça branca e a inferioridade da negra. A cidade de Ulisses é uma homenagem a Lisboa com o seu passado mítico e como espaço de referência para a construção de Portugal como país. Portugal é uma extensão de Lisboa. *O regresso de Júlia Mann a Paraty* é uma mescla de história ficção que descreve como “um lírico triângulo psicanalítico” por ser a descrição de três personagens, Freud, Thomas Mann e Júlia Mann, a mãe de Thomas, três pessoas importantes da história europeia do século XX. A cada uma destas três personagens compete um dos capítulos do romance.

Na entrevista a Teolinda Gersão em que a escritora respondeu a perguntas submetidas via email por José Ornelas e Paulo de Medeiros, as respostas de Gersão são riquíssimas e valiosas para todos os críticos ou pessoas que desejam ter um maior e mais profundo conhecimento sobre uma variedade de assuntos e temas presentes na obra de Gersão e também sobre a própria escritora, a sua visão do mundo, a sua escrita, as razões para as suas diversas obras, as questões de género, o feminismo, e as diferenças entre ensaio e literatura. Há muito mais ainda na entrevista. Em conclusão, a entrevista é imprescindível para aprofundar o conhecimento da obra de Teolinda Gersão.